

GERIO VAZ

---

AS FARPAS MODERNAS

---

CHRONICA MENSAL

DA

**POLITICA, DAS LETRAS  
E DOS COSTUMES**

=====  
N.º 1—MARÇO DE 1880  
=====

**PORTO**

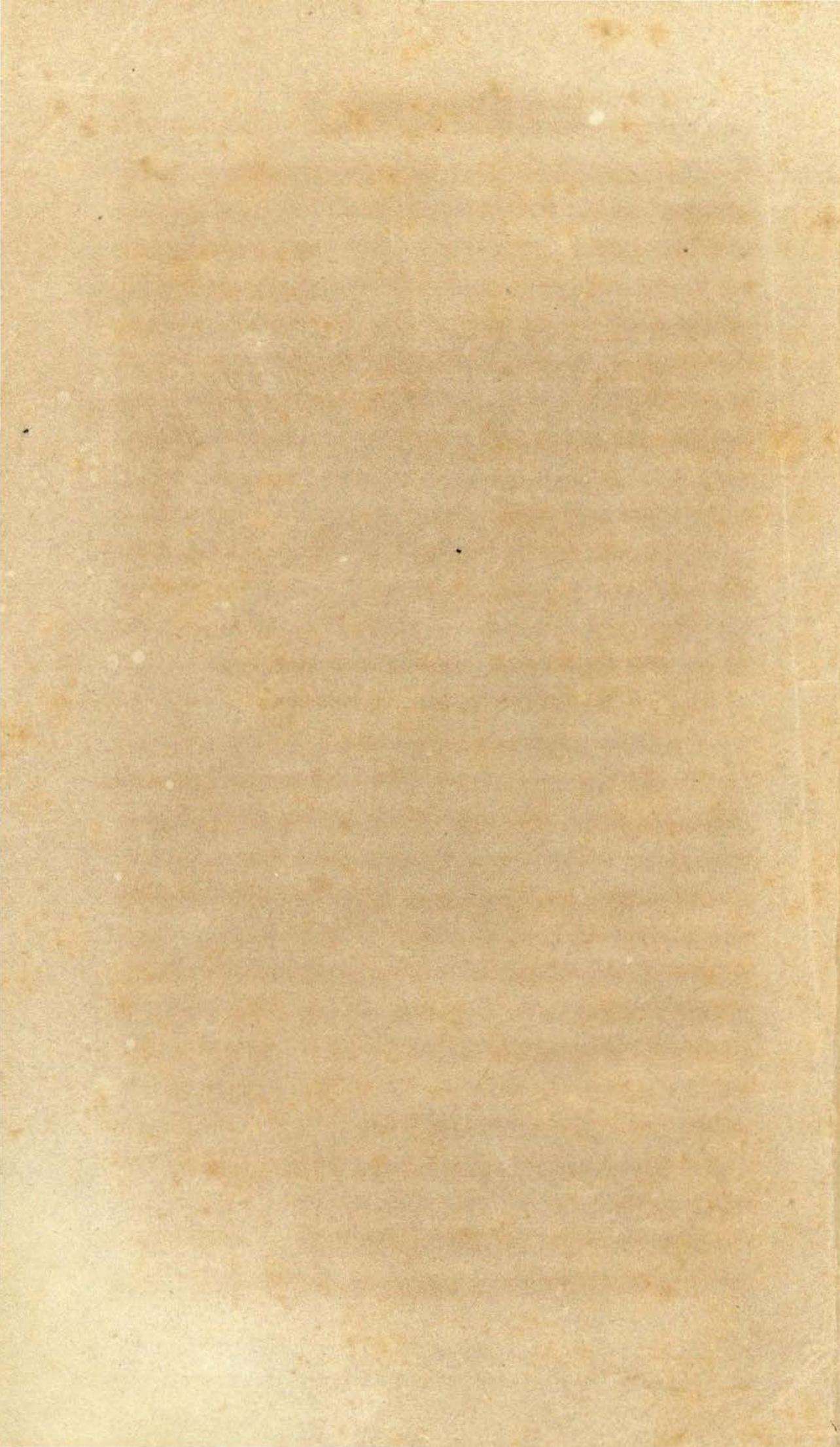
**TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA**

---

29, rua do Corpo da Guarda, 29.

---

1880



BIBLIOTECA / MUSEU  
"REPÚBLICA E RESISTÊNCIA"  
GERIO VAZ

J-694

M

AS FARPAS MODERNAS

CHRONICA MENSAL

DA

**POLITICA, DAS LETRAS  
E DOS COSTUMES**

N.º 1—MARÇO DE 1880



**PORTO**

**TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA**

29, rua do Corpo da Guarda, 29.

1880

REPUBLIC OF INDIA

THE GOVERNMENT OF INDIA

MINISTRY OF DEFENCE

OFFICE OF THE SECRETARY

DEFENCE SECRETARIAT

NEW DELHI

INDIA

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950

1950



## PREAMBULO

---

AS FARPAS MODERNAS, «leitor amigo, não são um livro d'arte, um livro de critica, um livro de sciencias philosophicas, onde tu possas enriquecer a tua imaginação, robustecer o teu espirito, retemperar o teu pensamento; não são tambem uma edição luxuosa com que tu possas embellesar os compartimentos da tua estante; mas em compensação damos-te — por dinheiro — um folheto destinado a fazer luz sobre os factos mais escandalosos da nossa politica, a pôr em relevo as misérias dos nossos costumes, da nossa sociedade, a desmascarar os tartufos que se arrogam o direito de nos depreciar, a proteger o fraco contra o forte e a redicularisar tudo o que não mereça, a severidade da nossa razão, o esforço do

nosso pensamento. Seremos inexoraveis para tudo e para com todos.

Não respeitaremos sómente pela nomeada que conquistaram n'uma sociedade caduca, os nossos homens de lettras; havemos de dar-lhes o devido correctivo, quando muito bem o mereçam. D'este thema não nos affastaremos nunca; julgaremos á luz da nossa consciencia, á rectidão do nosso dever.

Teremos sempre em mira de respeito, as reputações ganhas á custa d'um trabalho honesto : de muitas lucubrações de espirito.

Seremos sereno, moderado nas nossas apreciações, comedido no exhibir das nossas opiniões, e sincero nos nossos combates—se os tivermos.

Respeitaremos os bons costumes, a moralidade de principios, e constituir-nos-hemos em deffensor inabalavel da MORAL, a que abrimos um culto no nosso peito, na religiosidade do santo Dever que nos impõe a causa da Justiça e da Dignidade.

As tuas filhas, a tua mulher, as tuas irmãs leitor, podem ler-nos, a toda a hora, em todos os lugares : na sala de jantar, na sala de visitas, no quarto de dormir, sem perigo de preversão : terão sempre que aprender nas *Farpas*.

Não é só o homem que tem a exclusividade de lêr obras d'esta natureza : á mulher do seculo XIX, d'este seculo chamado das luzes, d'esta epoca em que ella compartilha das ideias do li-

vre-pensador, em que applaude o enterro civil e que, por tão elevado principio de liberdade d'acção, se expõe ás vaias da canalha, n'este tempo emfim, em que ella canta em verso *retumbante*, a causã da Justiça, a ideia da Revolução, concede-se-lhe o direito de poder livremente, lêr as FARPAS MODERNAS, publicação tão sincera nas causas que advoga, como as *convicções* politicas do seu auctor. Para infelicidade basta-lhe a exclusão do suffragio.

E tu burguez, não te opponhas ao progresso dos espiritos, á educação moral da tua consorte, das tuas filhas, a quem o espartilho deffinha mais do que as sensações produzidas, pela leitura dos romances de Bellot.

Deixa esvoaçar, n'um horisonte d'illusões, esse bando de pombas mansas; deixa-as no folguedo das suas aspirações, na *reinadia* das suas expansões.

Deixa-as acalentar ao sol da gargalhada; abre-lhes a porta da escada e deixa-as livremente passear no jardim das suas *commodidades*, das suas *regalias*.

Não sejas egoista.

Cumpre-nos dizer ao leitor, que as FARPAS MODERNAS não têm nada de commum com a pu-

blicação d'*Eça de Queiroz* e de *Ramalho Ortigão*, os dois talentos mais vigorosos da nossa litteratura moderna.

Desejariamos possuir a intuição artistica de *Eça de Queiroz*, e a verve de *Ramalho Ortigão*, para te apresentarmos no seu devido relevo, as materias tratadas n'esta publicação.

No entanto o que te promettemos é de ser inexoraveis para com tudo o que seja injusto e se desvie do caminho da razão e da Justiça.

Seremos, pois, fiel no cumprimento do nosso dever.



Tudo caminha ás sete maravilhas ! O Porto, cidade invicta, tão apregoado pelos arautos ministeriaes, revestido sempre dos maiores rasgos de generosidade, para com os debelladores d'uma crise monetaria e de trabalho, que devia extinguir-se á voz pausada do sr. Adriano Machado, e ás palavras *francas e leaes* do sr. Marianno de Carvalho, ostenta esta calma, este socego do boi cançado, que de longe, contempla d'olhos esgaçados, n'uma satisfação gulosa, a derradeira facha de palha, que lhe subtrahem da mangedoura.

Contempla ! e n'esta contemplação asnatica, perseverante, como um abbade de freguezia minhota, vae deixando cahir em cima do costado,

tão calloso já, como a consciencia do seu governador civil, o azorrague do sr. ministro da fazenda.

Mas o Porto, berço da liberdade, hospitaleiro dos sete mil e quinhentos bravos, que do Minello, se dirigiram n'uma crusada santa, para fazerem dos seus muros, mais uma vez, barreira insuperavel, e assim deffenderem das garras miguelinas, os filhos dilectos da cidade da virgem, não póde ficar silencioso a qualquer exigencia governativa, que ponha em duvida a autonomia dos seus braços de independencia, as suas fomas de heroecidade, apregoadas por tantas e tão valiosas pennas do seu paiz.

Não podia. E disemos não podia, porque, quando se quer vingar do seu inimigo, do ladrão do seu commercio, fecha as portas, mette as chaves ao bolso e depois... mette-se na cama.

Mas pensará o leitor que elle adormece, que se deixa captivar pelas fofas commodidades dos seus colchões de pennugem?

Não, não, leitor amigo.

D'alli mesmo deitado, os braços crusados sobre o peito, fazendo girar os dedos pollegares, em volta um do outro, com os olhos muito abertos, pregados nas molduras a gesso cré, do tecto da saleta onde repousa, rumina, tira uma ideia, planêa uma conspiração, uma fuga. abandonar o commercio, deixar o paiz, vender a patria. Mas a familia, os creditos a honra!

Fica perplexo.

Mas de repente levanta-se, enverga a casaca, calça as luvas, põe o chapéu alto, e, em furia desfeito, correndo apressado, dirige-se a um amigo, conta-lhe, diz-lhe que tem uma ideia, que devem protestar, que não devem ficar silenciosos, que o silencio dá signal de fraqueza e de vencido, que as portas não podem nem devem estar fechadas—por isso tinha uma ideia, mas uma ideia gigantesca!

— Uma representação.

O amigo então esgasêa os olhos, sorve uma pitada, cofia a barba e pensa: quer ter tambem uma ideia.

Mas o tempo urge, é mister resolver.

Concorda.

Combina-se convocar uma reunião na casa da Bolsa, e alli todos reunidos, redirigirem uma representação ao governo, pedindo a isempção do imposto, sobre a cortiça e o carvão.

Reunem-se. Fica encarregada, uma commissão de collegas, de redigir a representação.

Convoca-se segunda reunião, para que todos os interessados, assistam á leitura da representação. E' concebida, pouco mais ou menos, n'estes termos:

*«Senhores deputados da nação portugueza*

Nós abaixo assignados, todos negociantes d'esta tão acreditada praça do Porto, cheios de

respeito para com voseo, nós que não temos posto duvida em sacrificar, n'uma quebra fraudulenta, os nossos interesses e os alheios, para vos elevarmos á dignidade de representantes do paiz, nós, que temos arriscado por mais d'uma vez, a integridade do nosso costado, para vencermos a eleição guerreada pelos adeptos do sr. Fontes Pereira de Mello, cavalheiro desgovernado, mas amigo de fazer um favor aos amigos, nós que para vos darmos posição tão honrosa, tivemos de pagar, aos homens que votam *segundo a sua consciencia*, grandes porções de carneiro assado, e bastantes almudes de vinho; nós que tivemos encurralados 500 homens comendo e bebendo, com ordenado estabelecido por espaço de oito dias, sem o governo nos ter mandado embolsar da somma que, por ordem d'elle, fomos pondo da nossa algibeira, nós enfim que temos deitado foguetes de regosinho, pelo bom exito dos fins *licitos e honrosos*, dos srs. Adriano e Marianno, nós que temos prestado tão bons serviços ao Estado pagando-lhe pontualmente, todas as contribuições que muito bem nos querem deitar, vimos hoje submissos, como já dissemos, trazer aos *vosos pés* esta representação. Senhores: a cortiça, materia da mais reconhecida utilidade, para fazer rolhas, batoques, boias, palmilhas para sapatos; o carvão tão util na applicação do fogo para os cosinhados, tão economico na producção do vapor, de tanto descanso para as cosinheiras e de

commodidade ás *carvoeiras*, já pela difficuldade do incendio, já pela faculdade de se metter a qualquer canto, sem prejuizo do arrecadador, não pôdem ficar sujeitos aos ultimos impostos, a que o ex-nosso collega, o sr. Barros Gomes, os submette. Nós bem sabemos, porque não somos faltos de entendimento, que o governo precisa de arranjar dinheiro, para o *que der e vier*; é até muito indispensavel ter ao cantô da arca, uns patacos, para as occasiões, lá isso é; mas porque não augmenta elle os direitos ao papel, aos livros que vêm de fóra, e porque não obriga os da opposição a que paguem direitos exagerados, para accudir ás suas necessidades?

A economia é uma das regras essenciaes, para o desenvolvimento material e enriquecimento d'um paiz, como o nosso.

E', pois, srs. deputados da Nação Portugueza, este o fim da nossa representação: não sobrecarregar de mais direitos para o Estado, a cortiça e o carvão.

Esperamos, portanto, que a vossa eloquencia seja, logo que esta recebaes, posta em acção em favor da nossa petição.

Porto, 2 janeiro de 1880.

Seguem-se as assignaturas.»

Todos approvaram, estava muito bem redi-

gida, tinha bocadinhos que faziam vir as lagrimas aos olhos, diziam uns para os outros recostados nas cadeiras de pallinha. O entusiasmo, era tanto, que um dos membros da assembleia, pediu a palavra, e depois de ter sorvido uma pitada, mandou que se exarasse na acta, um voto de louvor ao digno membro sr. F., por haver tão distinctamente redigido a representação.

Emquanto, os jornaes da opposição erguiam-se n'um brado unisono, mostrando a indignação boçal, os instinctos do localista alvar.

Só o boi, o articulista da folha do *Pae Anselmo*, aquelle mastodonte do jornalismo portuguez, é que procedia a uma analyse severa, á *Bastiat*, como elle diz n'uma emphase de pedagogico palerma, quando deseja exaltar a *qualidade* dos seus aranzeis, a respeito do projecto de lei do sr. Barros Gomes.

De todas as partes choviam representações. Mas a que mais barulho havia de fazer nas secretarias do Estado, no Parlamento, no Paço, nos botequins, no Chiado, havia, sem duvida, de ser a da cidade invicta. Os espiritos estavam em sobressalto, já se fallava na capital d'uma sedicção no Porto-Telegrammas, choviam de todas as partes. Os garotos do *Popular* já gritavam n'uma

voz roufenha ás portas dos cafés: O *Popular* a dez reis, hoje vale a pena; grande desordem no Porto, por causa dos direitos.» Effectivamente o Porto estava levantado, tinha empunhado a penna para redigir uma representação, collerica, cheia d'aquella indignação, que brota espontaneamente, das almas viris, independentes. Não era com o chuço, com o bacamarte que elle fazia a revolução, era com a penna de pato, era com o brado unanime e ameaçador dos traficantes: *Abaixo a lei das rolhas ou então fechamos as portas.*

Os espiritos haviam serenado um pouco, os burguezes liam pacificamente nos jornaes, os extractos do *Diario das Camaras*. Apreciavam a rhetorica do sr. Marianno de Carvalho, as considerações massadoras do ministro da justiça, e riam muito dos ápartes do sr. Vaz Preto.

Começava-se a fallar que o Porto adormecera, que tinha sido magnetizado, pelos proceres do governo, que era de necessidade metter-lhe uma farpa, para o despertar, que já não era a cidade da virgem, que tinha perdido o brio, a sua au-

tonomia. Era falso, pois, que o Porto protestasse, redigisse uma representação. Mas de repente corre o boato, por toda a cidade, que o Porto tinha dirigido uma representação ao governo, protestando contra o imposto sobre as rolhas e o carvão, e que os representantes d'aquella cidade, estavam de posse d'ella para a apresentarem na camara. Os lisboetas applaudiram, bateram n'um contentamento imbecil as palmas, e disseram que o Porto, era o berço da liberdade, a gloria do paiz. Das provincias do norte, as malas dos correios, chegavam recheadas de cartas de felicitação; um delirio!

Estava tudo decidido; a lei não passava, o Porto tinha protestado, diziam os interessados, e n'um regosijo precoce, esfregavam freneticamente as mãos.

O que se passaria no espirito do sr. Adriano Machado, que revolução de ideias lhe suggeriria a resolução dos portuenses, seus dedicados amigos e eternos admiradores?

Ninguem o suspeita sequer.

A representação foi apresentada ás camaras, depois de ter sido analysada devidamente, pelos representantes da cidade do Porto.

A representação foi lida no dia seguinte ao da chegada, ás camaras. Estremaram-se os partidos. A discussão ia tomar proporções gigantes, os espiritos afiavam-se nos artigos da lei, nas regras em que se baseia a economia das nações mais civilisadas; os odios partidarios desenrolavam-se, os trammas mesquinhos projectavam-se, e o sr. de Barros Gomes, piscava sorrateiramente o olho, ao collega Adriano.

Mas este encadernado na sua casaca preta, o pescoço entumecido, pela pressão do rijo collar brunido, as orelhas um tanto obliquas, a mão papuda *demi cahée*, na abertura da casaca, olhava, na sua gravidade de conselheiro, por cima do aro dos oculos, para o sr. Barros, correspondendo-lhe com outro piscar d'olhos.

Travou-se a discussão.

—O Porto, tinha razão, não era justo que elle soffresse; havia prestado innumerados serviços á causa do governo, porisso, eram de opinião que todos os districtos pagassem os direitos, menos o do Porto. Mas a questão complicou-se. Os representantes dos outros districtos, debaixo da mesma lei, subjeitos ás mesmas consequencias e inconsequencias, deviam de ser attendidos. O sr. Marianno, fez-se ouvir, contou historias, e terminou por dizer. na bochecha do sr. ministro da

fazenda, que era impossivel tapar as boccas ao mundo !...

Todos abriram a bocca n'um bocejo de descontentamento, e o sr. presidente mandou enterar temporariamente, todas as representações, nas gavetas das secretárias.

Acharam acertado. Encerra-se a sessão.

.

. . .

Do Porto os telegrammas choviam em casa do conselheiro, o Adriano, perguntando pelo resultado e do effeito produzido na camara, pela tão energica representação dos, tão dignos como honrados habitantes d'esta cidade.

Agglomeravam-se-lhe em cima da secretária, e elle o Adriano, d'olhos esbogalhados, faz retenir a campainha. Aparece um servente. Se s. ex.<sup>a</sup> desejava alguma cousa?

— Uma carta á rua de...

.

. . .

Passados alguns minutos uma carroagem, parava á porta do dignissimo ministro da justiça. Um homem decentemente vestido subia as escadas: era o sr. ministro da fazenda.—O que desejava, que desarranjo lhe fizera sahir n'aquelle

momento de casa! dizia com ares d'aborrecido ao Adriano, seu collega.—Era alli necessaria a presença d'elle, não podia resolver sem consultal-o; e ia-lhe mostrando pachorrentamente os telegrammas.

Que faz então o Lobo?

N'este momento bateram á porta. Era o servente. Trazia um telegramma. O Adriano d'um sorriso canalha nos labios, entregou, em signal de delicadeza, ao collega—que abrisse.

O collega rompeu o envolucro, acompanhado da phrase respeitosa de—com licença.

Que espanto! que horror! era do Lobo! Do Lobo! objectou o Adriano. Do Lobo, sim do Lobo. O telegramma era concebido n'estes termos:—«Descancem. O Porto, ostenta os seus brios, cuidando na procissão de Cinza. Nada de esforços. Deixem correr os marfins. Eu cá estou. Preciso d'um afilhado despachado. Avisarei do que acontecer. Aguardem sempre as minhas determinações.

*Lobo.»*

O Adriano saltou logo de contente. Aquelle telegramma havia-o arrancado ás mais duras aflições; nem tinha podido jantar.

Se o Porto se revoltasse, se sahisse á rua de

bacamarte em punho, o que seria d'elles, dos seus dinheiros, das suas fazendas, das suas commo- didades? Senhor de Barros Gomes ficava-se abo- toado no mais profundo silencio. Mas de repente ó bom Deus! o Adriano achava-se impellido para o meio da salla, pelo seu collega da fazenda, e n'uma furia desfeita, começaram vertiginosamente a dançar o Tango. No dia seguinte os jornaes diziam que s. ex.<sup>a</sup> o sr. ministro da fazenda, es- tava devéras incommodado com tremendas dôres de cabeça.

## II

Agora portuenses, vós que os conheceis, que tendes sentido entrar a fome em vossas casas, que tendes sentido o azorrague da edilidade do paiz, vós que tendes sem razões plausiveis, sido expulsos das secretarias do Estado, para em vossos lugares, entrarem os afilhados dos ministros, vós que haveis soffrido o rigor da lei sobre as contribuições relachadas, deffendei, nas vossas conversas, nos vossos jornaes, os que vos têm despido a camisa e se habilitam para vos arrnacar a pelle.

Sentido, pois !

### III

N'estes ultimos tempos a imprensa jornalística, estranha á missão a que se incumbe, tem barafustado, n'um estylo arlequinado a respeito do livro da sr.<sup>a</sup> Rattazzi, *Le Portugal á vol d'Oiseau*. Esta escriptora não é de certo um portento, um genio, todavia é innegavel que possui um espirito muito mais culto, do que os Urbanos, etc. Mas a critica dos nossos *homens de lettras*, não é mais do que a expansão mesquinha dos espiritos tacanhos, creados *ad hoc* n'um ambiente de botequim, n'um meio onde a gallegada é original, e o despeito a arma do combatente.

A missão do homem de lettras, do critico é muito justa, tem deveres sagrados, que todo o es-

criptor sensato devia comprehender. Mas ser critico não é ser localista; este não aprecia relata, aquelle, relata e aprecia. As paixões, as parcialidades, devem banir-se, quando se trata de apreciar um trabalho, uma obra d'arte. O critico é um juiz que julga perante o tribunal da sua consciencia, á luz do seu talento, o trabalho d'outrem, porisso as responsabilidades são inexcediveis.

O sr. Camillo Castello Branco, alheio á seriedade, a todos os requisitos, da critica despretençiosa, falsario á verdade, sem a franqueza dos talentos vigorosos, atirou ao destino da publicidade, um oitavo de 38 paginas, desdenhando *a son aise*, do trabalho de quem tentou fazer-nos conhecidos lá fóra no estrangeiro. Porque não fez uma analyse severa e como ordena o bom senso artistico, ao trabalho da sr.<sup>a</sup> *Rattazzi*? Por não saber, ou para se subtrahir a um trabalho mais ardidioso?

Quer fosse por uma ou outra cousa, a sua condemnação está nas paginas d'um comico burlesco, do seu folheto. Isto não admira. O sr. Camillo devia succeder a Feliciano de Castilho. Arvorado em *mestre*, julga-se com o direito irrevogavel de depreciar de todo o trabalho honesto, até mesmo dos seus mais conterraneos confrades, pelo simples facto de lhe não seguirem as pisadas.

Pobre velho!

Os espiritos não caducam, vão-se robuste-

cendo á medida que se vae alargando a esphera da civilisação. Imitar, n'esta época de renascimento, o sr. Camillo, era recuar, era negar as leis do progresso humano. A arte tem as suas exigencias, assim como o espirito humano tem as suas necessidades. A liberdade do pensamento, fez voar em estilhaços, o circulo de ferro, em que jazia o espirito humano, com os rigores da theologia.

Já não ha admiradores caturras, rotineiros que á voz do *mestre*, caminhem no declive das suas crenças, no desprezo das suas aspirações. E é por isto mesmo que o sr. Camillo, cheio de indignação, irritado pela indifferença da geração moderna, que só lhe respeita a idade, diz mal de tudo, redicularisa tudo. Mas se sua excellencia, pensasse—o que não póde—, se se revestisse, ao menos, d'uma seriedade apparente, onde escondesse, a decadencia do seu espirito, não teria n'estes ultimos tempos, soffrido tantos revezes na sua reputação de escriptor. Não teria sido enxovalhados pelos Pinas; não levaria a licção tremenda d'um moço que nós muito respeitamos, pelo talento e honestidade de character, Xavier Pinheiro, nem seria posta em relevo, a sua ignorancia em philosophia, pelo distincto escriptor e advogado, Cunha Seixas. São os resultados de quem faz critica sem consciencia do papel que desempenha.

Discutir com seriedade, tratar de qualquer assumpto em termos que não offendam a morali-

dade litteraria ou scientifica, eleva o escriptor, dá-lhe uma reputação bem merecida; mas depreciar á moda do sr. Camillo, rebaixa, provoca a indignação aos que respeitam o trabalho honesto.

Não desejavamos do sr. Camillo, uma critica á *Taine* á *Sainte Beuve*; para isso falta-lhe o talento, o espirito de observação, a imparcialidade e o senso critico, d'aquelles dous vultos, iniciadores da critica moderna em França.

Desejariamos apenas a sua opinião franca e leal, a respeito de qualquer trabalho; que escondesse aquella ironia, com que reveste todas as suas apreciações, tão impropria d'um escriptor, que se diz de alto cothurno, e que tem conquistado a admiração da burguezia *d'aquem e d'alem mar*.

Mas isto não admira porque a França teve, em 1845, um *Eugene de Mirecourt*, e Portugal em 1880, tem o sr. Camillo Castello Branco.

DUMAS teve um diffamador, a sr.<sup>a</sup> RATAZZI, teve um insolente, que a apedrejou.

E' de sentir que o sr. Camillo não encontre tambem, um DUMAS, que lhe dê, em remuneração das suas criticas, vivenda perpetua n'uma *Sainte Pelagie*.

BYRON, desdenhava de tudo, tinha parcialidades, mas isto era devido, a uma condicção organica, a um temperamento nervoso; tinha horas de profunda mesantropia, em que odiava os homens, a sociedade, e n'um scepticismo religioso,

fulminava, com as suas satyras, os seus inimigos, mesmo os que lhe eram indifferentes. Mas o sr. Camillo, está fóra de taes condições phisio-psychologicas, não odeia a sociedade, os homens nas suas horas de descrença, de padecimentos dor-saes; barafusta, diz sandices, quando, de má fé, deseja rebaixar quem lhe é superior em talento e qualidades.

Dizemos em talento e qualidades, porque o sr. Camillo nunca poderá equipar-se em talento ao sr. dr. Theophilo Braga, de quem tem desde-nhado maliciosamente, e em qualidades e sciencia, está muito aquem do sr. Cunha Seixas, a quem pretendeu corrigir em pontos de historia patria, e systémas de philosophia.

O sr. Camillo, como homem tem no que ha de condemnatorio, certos pontos de contacto com *lord Byron*, e como critico,—se tal nome se lhe póde dar—muita pariedade com *Pontmartin*, o litterato *tacanho*, como lhe chamou, com muito acerto, *Jouvin*. E'-nos bastante penso termos de dizer verdades tão amargas ao sr. Camillo, a quem devemos respeitar, não só pela idade, mas tambem pelos innumerados trabalhos litterarios que nos deixa, e com que tem locupletado extraordinariamente; as bibliothecas dos burguezes.

*Alexandre Herculano*, *Almeida Garrett*, foram sempre respeitados, não tiveram quem os chamasse ao dever, porque eram comparativamente serios, tinham consciencia do papel que desempenhavam

no meio em que viviam, e nunca desceram os degraus da reputação, que tão merecidamente conquistaram no seu paiz e fóra d'elle, para se misturarem, confundirem, como o sr. Camillo, com o mais sarrafaçal *pilha* dos jornaes. D'este jaez deviam ser todos os homens, que se arvoram em mestres, e querem dar exemplos de seriedade ás gerações que lhe devem succeder.

O sr. Camillo, podia, se pensasse d'outra forma, se fosse previdente, conquistar, além da sympathia que lhe tributam os burguezes inconscientes, a affeição dos litteratos filiados na moderna escola; podia ser respeitado, como em França *Victor Hugo*, sem abjurar dos principios da sua escola. A escola, romantica a que pertence, tem bellezas inexcediveis, embora os espiritos de hoje queiram dar aos dominios da arte, uma esphera mais ampla, mais verdade e relevo no desenho dos objetos. *O Thimão d'Athenas* de *Shakspear*, o *Childe Harold* de *Byron*, o *Paraiso Perdido* de *Milton*, hão-de ser em todos os tempos, obras admiradas como primores d'arte do tempo em que seus auctores as exhibiram, e estes serão sempre considerados gigantes d'uma escola, athletas d'uma litteratura.

Mas o sr. Camillo Castello Branco, não olha ao futuro, não respeita as conveniencias da sua reputação de romancista: dá expansão ao seu espirito mofador, e deixa-se cahir no ridiculo.

Coitado!

Se tivesse ao menos a ironia fina d'um *Hine*, a phrase mordente d'um *Karr*, não teríamos de substituir o riso pelos engulhos.

Porque as ironias do sr. Camillo, indignam, fazem-nos convencer da sua má fé nas discussões, e da superficialidade dos seus conhecimentos — e isto inoja. O sr. Camillo Castello Branco quer ser tudo, saber de tudo, depois que os ignaros d'esta decadente *Parvonia*, lhe têm chamado, *mestre de nós todos! Mestre de nós todos*, em que, e porque? Pela idade? Pelo talento?

Pela idade respeite-se, simplesmente como membro da sociedade, como litterato, como homem de sciencia, respeite-se-lhe o talento—se o tiver, mas chame-se ao campo do Dever, da Honra, da Lealdade, quando d'elle se affaste, e dê-se-lhe a devida correcção. E' o que fazemos.

*Mestre de nós todos*, em Portugal, não póde ser o sr. Camillo, não o poudeser Feliciano de Castilho; mestre de nós todos póde ser *Theophilo Braga*, o incansavel pensador do nosso tempo, o philosopho, o historiador, o infatigavel trabalhador na obra do engrandecimento da sua e nossa patria.

O sr. Camillo nunca passou do *ram ram*, da sua escola, nunca nos deu a entender senão o vigor da sua imaginação, e a perfeição do seu idioma.

Quanto mais talento artistico, contensão de espirito, relevo no descriptivo e verdade no desenho dos objectos não tinha Lopes de Mendonça,

esse raro talento que tão cedo foi eclipsado pela negridão d'uma pedra tumular?

Lopes de Mendonça, não foi comprehendido, pelos litteratos do seu tempo, todavia Lopes de Mendonça, foi um artista, um philosopho e os que do seu tempo lhe tem sobrevido, não passam aos olhos da critica severa e imparcial, d'uus rotineiros que, souberam, por um *bamburrio*, conquistar um *nome* nas letras.

O sr. Camillo, tem sido d'um procedimento canalha, para com os seus correligionarios; tem insultado covardemente, traiçoeiramente, os homens que nos dão honra lá fóra, nos paizes onde não apreciam os trabalhos do sr. Camillo, porque de nada valem, a não ser para servirem de entretenimento a alguma monja, alheia ao bom gosto e aos requisitos do bom senso.

Diz o apergoado romancista, n'uma das paginas do seu aranzel á sr.<sup>a</sup> *Rattazzi*: «Se o sr. Theophilo Braga, pagou o que sabe, então pouco teve que pagar?»

O' velho escalavrado, ó D. João Tenorio! quem terá menos que pagar, tu ou esse vulto, com quem *Littré*, um dos maiores pensadores d'este seculo, tem intimas relações e respeita como um dos primeiros trabalhadores do nosso paiz, e a quem apertaria a mão sem receio de contagio crapuloso?

Quem? Tu que tens vivido á sombra da critica louvaminheira, que tens attrahido sobre ti,

os olhares de todo o paiz, com todas as tuas torpezas, com todas as tuas indignidades; que tens desde a humilde povoação de *Friume*, até o ultimo degrau das escadas do presidio, sido um canastro de infamias, de vergonhosas peripecias; que tens inscripto o teu nome no cadastro das insidias mais abjectas; que tens vivido do favoritismo, e passado o tempo na maliciosa exploração da boa fé burgueza; ou esse athleta da Honra, esse gigante do Trabalho, da Virtude, do Dever e da Sciencia?

Theophilo Braga, como academico tem vivido modestamente, combatendo a exiguidade dos seus meios de fortuna, com o producto adquirido á custa do seu vigoroso espirito, do esforço do seu pensamento; como cidadão, olhando-se-lhe para o passado, devisa-se um caminho amplamente trilhado, limpido, sem nodoa, recto como o Dever; considerado no presente devisa-se, um vulto gigante, no meio d'uma sociedade, que elle deseja fortificar com os seus exemplos, purificar com as suas pragmaticas, illuminar com a lucidez do seu pensamento.

Se investigassemos do passado do sr. Camillo, não iriamos enconral-o, debruçado sobre a banca do estudo, gastando os recursos da sua intelligencia, na investigação da sciencia, no aperfeiçoamento da arte, da critica; iriamos vel-o hobreando com os *peralvilhos* da alta burgueza, que mais tarde lhe havia de conferir, o renome de «primeiro romancista portuguez.»

Se olharmos para o seu presente o que vemos nós ?

Um velho, sem forças, alanceado pelas luctas traiçoeiras do passado, odiando a geração moderna, a quem esmagaria, se pudesse, com o peso da sua ironia, a quem exterminaria com o veneno da sua satyra.

O sr. Camillo, hoje não tem razão fria, imperturbavel, para pensar, discutir : tem bilis para insultar, cuspendo-a na frente dos seus adversos.

Não avançariamos tanto se a indignidade de sua excellencia, não chegasse ao requinte de insultar tão desbragadamente o sr. Theophilo Braga, no aranzel á *Rattazzana*.

Deixal-o-hiamos no seu descanço burguez, nas regalias contemplatorias da sua casa de S. Miguel de Seide, se a sua lingua viperina, não insultasse tão malcreadamente o homem que nós respeitamos mais, pelo talento, pela seriedade e pelo estudo.

Deixal-o-hiamos gozar pacificamente as comodidades do seu retiro, os affagos da familia, se elle soubesse respeitar os que lhe são superiores em qualidades e talento.

O sr. Camillo bem conhece que as nossas affirmações são justas, nascidas espontaneamente da consciencia, e que o correctivo é deveras merecido; não ignora o seu procedimento para nos reputar de blasphemadores, dinte rusos.

A idade do sr. Camillo, apesar de ser já bas-

tante adiantada, não lhe deve ter levado ao olvido, todos os seus feitos impensados, cheios de peripecias escandalosas, para nos reputar de falsario á verdade, quando o accusamos, e de hyperbolico, quando exaltamos as qualidades e o talento, do sr. dr. Theophilo Braga.

Sua excellencia bem sabe quanto somos justo, quanto somos amigo de imitar a verdade; mas se alguns dos seus deffensores inconcios, quizer esgrimir comnosco n'este campo da imprensa, refutando o que avançamos, esperal-o.hemos, com aquelle sangue frio, que mantêm os gladios, sinceros e convictos, da causa que deffendem.

No fim do preambulo do seu folheto á *Rattazzi*, diz o sr. Camillo: «*A favor da sr.<sup>a</sup> Rattazzi*, têm saído uns poucos de periodicos faiantes, sargetas, por onde tresandam os seus fedores as fezes litterarias de Lisboa. São os orgãos da ralé sarrafaçal, uns madraços desencardados que vivem na gandaia politica, engenhando repulicas carnavalescas. E' n'esses periodicos de mixordias pleblêas até ao asco que o sr. Theophilo Braga se esconde a escrever, como em parede de latrina, uns desabafos pelintras de quem não acha na imprensa seria fonticulos por onde suppurar o pus.»

A favor do sr.<sup>a</sup> *Rattazzi*, não têm sahido periodicos *faiantes*, *sargetas* etc.: têm sahido publicações honestas, cheias de indignação é verdade,

mas contra a falta do cumprimento da justiça e da lealdade de criterio.

Não queremos deffender a sr.<sup>a</sup> *Rattazzi*: desejamos eliminar de tudo o que deva ter visos de seriedade, as imprudencias do sr. Camillo e as sandices do sr. Urbano de Castro.

O sr. Theophilo Braga nunca escreveu nos periodicos de mixordias, em que o sr. Camillo talvez tenha escripto: tem expandido as suas ideias, dado lieções de moral e de instrucção, aos que d'ellas necessitam, n'esses periodicos, mais accessiveis á classe obreira, a essa classe, verdadeiro sustentaculo das autonomias nacionaes.

O sr. Theophilo Braga, nunca viveu á custa dos parasitas encartados nas sociedades *clubenses* do alto burguesismo: viveu sempre entre o trabalhador honesto; tem combatido incessantemente a par do trabalhador honrado, que despresas as commodidades das assembleias d'uma aristocracia balofa, pelo trabalho duro da fabrica, pelas asperesas do laboratorio e pelas lides impertinentes d'um commercio honrado.

Terminando: o sr. Theophilo Braga é um gigante, um atheleta da moderna geração; o sr. Camillo, comparativamente é um pigmeu, um *quidam* rabugento.

A falta d'espaco obriga-nos a ficar por aqui.

Continuaremos.





Vende-se nas principaes livra-  
rias e nos kiosques.

---

CADA N.º . . 100 REIS

---

DEPOSITO, RUA DO BOMJARDIM, 541—1.º ANDAR

---

**NO PRELO — O 2.º NUMERO**